



**MODOS DE VIVER: AS PRÁTICAS E OS SABERES DA POPULAÇÃO RIBEIRINHA DO ASSENTAMENTO VITÓRIA RÉGIA, ARAGOMINAS-TO**  
**ATAÍDES**, Suzana Silva Spíndola de<sup>1</sup>; **MEDEIROS**, Euclides Antunes de<sup>2</sup>.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os processos de sociabilidade dentro da comunidade ribeirinha do assentamento Vitória Régia (Aragominas-TO). A partir da investigação dos padrões de experiências desses sujeitos, identificamos nesse ambiente um modo de vida específico, apoiado em uma economia moral, nos moldes, guardadas as devidas especificidades, no que concerne a tempo e espaço, problematizado por Thompson, 1998. Utilizamos a metodologia de História Oral a partir das discussões realizadas por Alessandro Portelli (2016) e o método História de Vida, que atribui maior liberdade ao entrevistado durante sua narrativa.

**Palavras-chave:** Comunidade ribeirinha; Economia Moral; Modos de viver.

## I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Esse trabalho é produto do relatório final do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) 2023/2024. Pertencente à grande área de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Letras, ele procura dialogar com os múltiplos saberes e modos de viver de uma comunidade ribeirinha localizada às margens do rio Araguaia, no Norte do Tocantins. O Assentamento Vitória Régia

<sup>1</sup> Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas. E-mail: [suzana.ataides@ufnt.edu.br](mailto:suzana.ataides@ufnt.edu.br)

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) do curso de Licenciatura em História. Centro de Ciências Integradas. E-mail: [eantunes@mail.ufnt.edu.br](mailto:eantunes@mail.ufnt.edu.br)

(Aragominas - TO) encontra-se a 140 km de distância de Araguaína - TO e é formado por diversas famílias que vivem do trabalho no campo, da pesca, da venda em pequenos comércios e da produção de farinha. O que o torna singular em relação às demais comunidades são as suas relações de sociabilidade que respaldam todo um modo de viver característico das pessoas daquela região.

São diversos os grupos de moradores que residem nessa área. Dentro do assentamento encontramos comunidades de pescadores e de vários outros produtores, como as famílias que trabalham com a produção de leite, farinha e polpas de frutas. Apesar disso, uma das principais características dessa comunidade são as relações dinâmicas entre os sujeitos do local. Partindo disso, nossa pesquisa tenta compreender como os saberes entrelaçados são construídos e repassados por meio da herança familiar. Pois, acima da diversidade econômica e dos espaços que separam as diferentes famílias, encontra-se nesse ambiente um modo de vida específico, apoiado em uma economia moral, nos moldes, guardadas as devidas especificidades, no que concerne a tempo e espaço, problematizado por Thompson, 1998.

## **II. BASE TEÓRICA**

Empregaremos a categoria de análise Economia Moral discutida por Edward P. Thompson. Essa moral não corresponde, necessariamente, a uma moral cristã, mas a algo que foi construído a partir da convivência social, baseando-se em normas e valores compartilhados. Por conseguinte, surge uma economia local específica, diferente do padrão hegemônico, voltada, muitas vezes, para o padrão de subsistência e formulada a partir do diálogo e da construção de significado entre os integrantes do grupo.

Identificamos a presença de uma economia moral dentro do assentamento por meio da análise dos padrões de comportamento dos sujeitos dentro da comunidade. Tudo isso partindo da noção de experiência formulada também por E. P. Thompson (1978), Para quem,

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo - não como sujeitos autônomos, "indivíduos livres", mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida "tratam" essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.

Logo, o sujeito que vivencia suas experiências a partir da própria consciência e da cultura a qual está inserido, atribui sentido à sua realidade vivida dando início à uma construção identitária. Dessa forma, entende-se que a identidade pode ser desenvolvida a partir das trocas e experiências vivenciadas.

Os moradores do Assentamento Vitória Régia possuem uma cultura e um modo de viver específico, isso é identificado pelo compartilhamento de um mapa conceitual semelhante entre os sujeitos que vivenciam suas experiências a partir de valores compartilhados, atribuindo sentido a sua realidade. Esse processo acontece em vários contextos, sejam eles sociais, políticos, econômicos ou religiosos.

### **III. OBJETIVOS**

#### **Objetivo Geral**

Compreender como os costumes, tradições e experiências podem ser entendidos como elementos formativos de um modo de vida específico no Assentamento Vitória Régia, dialogando com os narradores do assentamento acerca de suas origens e laços culturais, procurando identificar suas práticas como prováveis mantenedoras de um modo de vida específico.

#### **Objetivo Específicos**

- Caracterizar os costumes e tradições do Assentamento Vitória Régia como elementos formativos de um modo de vida específico;
- Identificar e problematizar os padrões de experiências vivenciados pelos sujeitos entrevistados;
- Investigar como os saberes tradicionais da população ribeirinha do Assentamento Vitória Régia são construídos e repassados para as futuras gerações por meio da memória social.

### **IV. METODOLOGIA**

Para alcançar nossos objetivos ouvimos os relatos orais de nove moradores do Assentamento. Eles são: Dona Helena e Seu João, casal de pescadores que também possuem um comércio, sendo a Dona Helena uma produtora de polpas de fruta; Dinha, pescadora; João Leite, presidente da Associação do assentamento; Dona Paixão, produtora de farinha e de polpas de fruta; Hosana, Secretária da Colônia de Pescadores; Seu Dedé, presidente da

Associação de Pescadores; Seu Agenor, produtor de leite e Dona Marcília, professora da educação básica na Escola Estadual José Domingos.

Utilizamos a História Oral como base para nossa metodologia, além de uma abordagem exploratória, que consiste em um trabalho de investigação na região escolhida, associada à Pesquisa Participante. A História Oral, segundo Alessandro Portelli (2016), gera narrativas individuais que necessitam, assim como as demais fontes, de uma análise crítica, onde se busca confirmar seu uso e seu nível de viabilidade. Utilizamos de forma prática o Método da História de Vida, onde o narrador entrevistado terá total liberdade de fala ao narrar suas experiências. Tal prática permite que o narrador se sinta à vontade para comentar aquilo que, mais tarde, se mostrará significativo à análise do pesquisador.

Em conjunto com a História Oral, utilizamos também a Pesquisa Participante, buscando construir uma interação com as famílias ribeirinhas do Assentamento Vitória Régia, visando o compartilhamento de saberes e que se faça interagir o conhecimento acadêmico com os saberes tradicionais.

## **V. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em nossas discussões analisaremos alguns dos processos de sociabilidade dessa comunidade ribeirinha e como as pessoas constroem uma consciência afetiva e moral a partir de suas vivências e experiências compartilhadas (THOMPSON, 1978). As pessoas lidam com essas experiências de uma forma consciente, atribuindo sentido e [re]construindo normas e valores sociais (THOMPSON, 1978). Além disso, o diálogo e a troca entre os sujeitos dão ensejo à construção de uma Economia Moral dentro da comunidade.

Os primeiros ocupantes do assentamento subiram o Araguaia vindos de outras regiões do Tocantins e Pará. Com essa movimentação, muitas famílias e grupos de amigos se reuniram para construir suas casas às margens do rio. Dona Helena foi uma dessas viajantes. Pescadora, comerciante, dona de um dos bares mais conhecidos da Vitória Régia, ela vive com seu marido, sua filha e suas duas netas às margens do Araguaia. Ao lembrar sua infância, ela narra:

[...] quando eu morava com meu pai e era dois quilômetro do rio, a gente só ia pra banhar, pegar peixe, essas coisa. Quando nós mudemo pra cá, o rio aqui peixe era... se eu dizer vocês nem acredita, mas eu fiz muitas vezes. Nós tirava uma folhina assim ó (ela arranca uma folha de uma árvore próxima), enrolava ela e enfiava o anzol. Piranha era daquelas que mordida

mermo em riba, você jogava as piranha lá fora. (SILVA, Helena Campos da. *Entrevista n.1*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 27/05/2023)

As falas de Dona Helena demonstram que grande parte das experiências vivenciadas no passado pelos moradores, são produto de um modo de viver já amparado pelo curso das águas. Desde pequena Dona Helena já tinha esse contato com o rio por meio de sua família, aprendeu a pescar e a apreciar os momentos no Araguaia, viveu sua infância e a vida adulta às margens do rio e isso incentivou sua vinda à Vitória Régia. Dentro dessa comunidade, ela encontrou outras pessoas que demonstraram o mesmo respeito e ligação com as águas. As casas que possuem porto, uma abertura na mata ciliar que permite o acesso ao rio e o embarque e desembarque de canoas, são vistas de longe para quem vem chegando pelas embarcações.

Os sujeitos que chegaram a essa região vieram, em sua maioria, acompanhados de suas famílias. Conseqüentemente, o assentamento foi construído e é ocupado, majoritariamente, por moradores que possuem algum grau de parentesco com seus vizinhos ou que, pelos longos anos de convivência, adquiriram uma forte amizade. Seu Agenor é um desses moradores. Ele é um produtor rural que trabalha com a criação de gado e a venda de leite para os laticínios. Em sua entrevista ele comenta sobre esses laços que são formados dentro do assentamento:

[...] se eu falar aqui agora: “fulano eu tô aqui com uma vaca atolada, vem cá...”, vem na hora, né? Ele fala assim também [...]: “vem me levar ali que meu menino machucou”, na hora a gente: “vambora...”; a camionete cê leva na Reunidas<sup>3</sup> que tem o posto de saúde, se não tiver que levar até na rua, a gente vai levar, né? “Não, eu to precisando disso...”. Não tá do meu alcance, eu vou fazer e... (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023)

Percebe-se um sentimento de solidariedade entre essas pessoas, algo implícito, mas recorrente. Não há necessidade de se impor sobre o outro, eles possuem um contrato de relações de amizade e companheirismo.

Há também aqueles que dividem seus afazeres com vizinhos ou parentes para que mais tarde possam dividir também os lucros. Em uma das visitas, conhecemos Dona Paixão, moradora do assentamento e uma senhora de idade que tem dificuldade em trabalhar sozinha. Em uma conversa breve com Dona Paixão

---

<sup>3</sup> Reunidas: assentamento vizinho à Vitória Régia. Também faz parte do Município de Aragominas-TO.

destacou-se uma das atividades produtivas que fazia parte do seu cotidiano: a produção e venda de polpas de frutas. Por ser uma senhora idosa, Dona Paixão conta que tem dificuldade de arrancar algumas frutas, mas sua vizinha lhe ajuda na colheita e depois elas dividem:

Aqui quando é tempo de cupu, eu tenho uma renda boa de cupu, assim, eu tiro polpa, eu vendo... Tem vez que eu iencho é o frizer de polpa, dou pra vizinha ali, a mulher do Milton que sempre corta cupu aqui pra nós duas, ela corta pra mim mais ela, porque eu não dou conta de cortar só, né. Dá tanto cupu, que ajunto eu e ela cortando cupu, nós não damo conta, nós joga é muito no mato ainda porque nós não damo conta de cortar tudo. (Dona Paixão. *Entrevista n.3*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 06/09/2023)

Elas constroem uma relação de amizade e companheirismo, onde uma ajuda a outra, apesar das dificuldades. Além disso, as mulheres fazem um acordo onde elas dividem a quantidade de polpa para cada uma, vendem ou doam para outros vizinhos. Esses vínculos são observados em diversos contextos e ambientes, por meio de padrões de experiências que traduzem o modo de viver característico, baseado na construção de uma economia moral dentro da comunidade.

Diante dessas fortes relações de confiança e amizade, aponta-se o enaltecimento de valores ligados à religiosidade cristã e ao “trabalho duro” como os principais impulsionadores desse modo de viver específico da comunidade Vitória Régia. Seu Agenor, ao comentar sobre tais valores, demonstra que grande parte de sua relação com o trabalho e com a terra veio da convivência com seu pai. Isso explica o motivo dele valorizar tanto o serviço braçal. É algo que já está inserido em seus valores sociais e que lhe foi ensinado desde a infância:

Meu pai dizia assim, oh: “eu vou ensinar o cê a trabalhar aqui na roça” Porquê? o que que ele dizia: “A pessoa que trabalhar na roça, a pessoa que viveu na roça, que aprendeu a trabalhar na roça, no duro, na enxada, na foice, em tudo, qualquer outro serviço que aparecer pra ele, é moleza!”. Entendeu? Então, quando cê aprende isso aí, mesmo que o cê não for ficar, cê tem que aprender. (ATAÍDES, Agenor Spíndola de. *Entrevista n.2*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 28/05/2023)

Além desses, outros moradores descrevem o trabalho na roça como sendo algo custoso e maçante. No entanto, eles continuam a preservar esse modo de viver, pois valorizam o esforço empregado, já que foram ensinados, desde criança, pelos seus pais a viverem assim. Hoje, eles continuam a dedicar-se ao trabalho árduo e repassam tudo que foi aprendido aos mais jovens da comunidade.

## **VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no que foi exposto no tópico anterior, destacamos a presença de um modo de viver específico dos moradores do assentamento Vitória Régia, com processos de sociabilidade construídos a partir de uma consciência moral e afetiva. Destaca-se também a presença de uma Economia Moral, identificada a partir da análise dos padrões de experiência que traduzem esse modo de existir.

Dessa forma, a pesquisa expõe como os moradores desse assentamento constroem sentido à sua realidade vivida a partir de normas e valores construídos e compartilhados de geração em geração, com o uso da memória. Tais resultados surgiram a partir da análise dos padrões de experiência desses sujeitos, das entrevistas orais e visitas de campo realizadas durante o período determinado pelo programa de bolsa. Também foram feitas leituras e fichamentos de textos que serviram como base para a análise dos resultados.

## VII. REFERÊNCIAS

PORTELLI, Alessandro. História Oral: Uma relação dialógica. In: PORTELLI, Alessandro. **História Oral como Arte de Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9-25.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P.. O Termo Ausente: Experiência. In: THOMPSON, E. P.. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1978, p. 180-202.

## VIII. AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPT) - Governo do Tocantins.

Meus agradecimento também ao meu orientador, Prof. Dr. Euclides Antunes de Medeiros, ao Centro de Documentação Histórica (CDH) do curso de História - UFNT e à toda comunidade do assentamento Vitória Régia, sem vocês a pesquisa não teria se realizado.